

As relações entre currículos oficiais e os currículos 'praticadospensados' na EJA

É notório que se enfrenta uma subalternidade dos saberes que estão na escola ou os que são produzidos dentro dela, ou mesmo, os que são trazidos pelos sujeitos da escola aos seus conhecimentos formais e à resistência criativa cotidiana. Apesar do nosso modelo de aprendizagem ser de subalternização da vida cotidiana e dos saberes que a circulam, a classe docente resiste criativamente a essa tentativa de domesticação de apagamento daquilo que não é fortemente produzido nos espaços acadêmicos.

Muitas vezes, os conhecimentos dominados pelos estudantes não possuem utilização prática escolar, por isso, os professores resistem e criam nos cotidianos uma maneira de pensar as escolas através dessa perspectiva de resistência e de criação de alternativas, pois a aplicação dessa subalternidade envolve a desaprendizagem do que se é aprendido em nossa sociedade hierarquizante, preconceituosa e que só valoriza os conhecimentos defendidos pelos currículos dominantes.

A ideia é da desconstrução de que pessoas detentoras de conhecimentos acadêmicos são superiores àquelas que não os detém, pois saber destes assuntos é tão somente consequência de um processo de estudo sistemático. Aprender abre espaço para que conhecimentos que ainda não se sabe, não hegemônicos, possam aparecer para serem apreendidos, abrir espaços internos para o novo, para perceber essas outras informações naquilo que elas são importantes, naquilo que elas

podem ajudar a resolver problemas, o que se encontra tanto na nossa vida cotidiana quanto em nossa vida acadêmica.

Dentro das escolas não estão apenas os conhecimentos formais que supostamente o professor domina e que vai ensinar aos alunos; a escola educa para a cidadania e, como ninguém avalia o grau de aprendizagem de cidadania pelos estudantes, todos saem da escola sem que se saiba o que eles aprenderam de fato. Pensando no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA), deve-se considerar os contextos social e epistemológico para que as práticas pedagógicas cotidianas sejam desenvolvidas, sempre considerando a democratização de saberes e a emancipação humana, ou seja, elaborar currículos *'praticadospensados'* que se tecem na conexão entre diferentes saberes, visto que os estudantes desta modalidade educativa já trazem consigo "tensões e conflitos onde se travam várias lutas, perspectivas, aspirações e objetivos de escolarização e formação" (SILVA, 2019). A maioria dos *'praticantespensantes'* da EJA já possui uma formação de identidade que contribui permanentemente no cotidiano social e escolar.

Uma atividade de prática docente interessante seria uma produção de um pequeno texto descritivo em uma aula de Língua Portuguesa a partir da observação de imagens. Porém, para que o exercício se tornasse mais interessante e atrativo, o professor sairia do ambiente escolar, levando a sua turma até um local próximo à escola para que as ações fossem observadas. Por exemplo: a Escola Municipal Lourenço Filho, no bairro do Grajaú, no Rio de Janeiro, fica localizada bem em frente a uma praça. O professor levaria a turma até lá e pediria para que eles observassem tudo a sua volta. Como é a praça, se há algum tipo de atividade física sendo feita pelas pessoas, se é bem arborizada ou não, se há comércio, ponto de ônibus etc. A partir desta observação, os alunos voltariam para a sala de aula e escreveriam um pequeno texto descrevendo tudo o que foi visto. Esta mesma atividade também poderia ser passada para casa, contudo, os alunos deveriam observar a sua área de moradia, realizando uma descrição detalhada para que fosse lida para os colegas e fizessem comparações na

aula seguinte. Essa discussão entre eles é muito interessante, pois desperta saberes do cotidiano, conhecimentos sociológicos e de linguagem.

Quando se investiga o cotidiano '*dentrofora*' da escola, percebe-se uma complexidade constitutiva através de conhecimentos e práticas sociais plurais distintos que envolvem pessoas, ideias, convicções e saberes que reconhecem fatores não controláveis e não padronizados, o que ajuda o docente a lidar da melhor forma possível com a sua turma em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas.** In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (orgs.). Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

SILVA, F. C. **Currículos *praticados* pensados nos cotidianos da EJA: condições e procedimentos de tradução.** Rev. Espaço do Currículo, João Pessoa, v.12, n.2, p. 299-308, maio/ago. 2019.

Sobre a autora:

Jéssica Dias é graduanda na Faculdade de Educação – Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.